

## EM BUSCA DO IMAGINÁRIO ESCATOLÓGICO CATÓLICO AO RAIAR DO NOVO MILÊNIO: UM ESTUDO DE CASO

Kalliany Moreira Menezes Vitoriano\*

**Resumo:** O presente artigo busca analisar o imaginário dos católicos acerca do fim do mundo no final do século XX e início do novo milênio, em Fortaleza, Ceará. Levando-se em consideração que o ser católico é um caleidoscópio de modos de sentir e praticar sua fé, buscamos trazer à tona as crenças de devotos como Carlos. Sua fé seria fortalecida e dilatada por augúrios contidos, por exemplo, no Terceiro Segredo de Fátima e em diversas passagens bíblicas, que seriam evocados e reforçados por santos e profetas populares, assim como pela mídia e a própria igreja. Vasculhamos essas manifestações através de depoimentos de católicos e de relatos colhidos nos jornais *O Povo* e *Diário do Nordeste*. Destarte, podemos observar o imaginário se materializar em cada oração que suplicava a proteção divina contra o mal, que poderia iniciar ao soar dos sinos de uma nova era.

**Palavras-Chave:** Imaginário. Memória. Escatologia. Catolicismo.

**Abstract:** This article seeks to analyze the imagination of catholics about the end of the world in the late twentieth century and the new millennium, in Fortaleza, Ceará. Taking into consideration that being catholic is a kaleidoscope of ways of feeling and practice their faith, we seek to bring out the beliefs of devotees like Carlos. Your faith will be strengthened and expanded by contained omens, for example, in the Third Secret of Fatima and several biblical passages, that would be evoked and reinforced by popular saints and prophets, as well as by the media and the church itself. We searched these manifestations through testimonies of catholics and collected reports in the newspaper *O Povo* and *Diário do Nordeste*. Thus, we can see the imaginary materializes in every prayer that begged for divine protection against evil, which could start the sound of the bells of a new age.

**Keywords:** Imaginary. Memory. Eschatology. Catholicism.

**RECEBIDO** 07/06/2016

**AVALIADO** 19/07/2016

---

\* Mestre em História pela Universidade Estadual do Ceará (MAHIS/UECE). Professora do Curso de História da Universidade Estadual do Piauí (UESPI). E-mail: [kalliany\\_menezes@yahoo.com.br](mailto:kalliany_menezes@yahoo.com.br). Endereço: Rua José Diógenes da Silveira, 169. Bairro: São Felix. Cidade: São Raimundo Nonato-PI. Celular: (85) 98838.0691.

## O Imaginário é Histórico e Datado

Atualmente, o imaginário é um conceito central para analisarmos a realidade e “a traduzir a experiência do vivido e do não-vivido, ou seja, do suposto, do desconhecido, do desejado, do temido, do intuído”.<sup>1</sup> Mas o que seria o imaginário? Conforme Sandra Pesavento, o imaginário se trataria de um “sistema de ideias e imagens de representações coletivas que os homens, em todas as épocas, construíram para si, dando sentido ao mundo”.<sup>2</sup> Ou seja, seria a maneira com a qual vemos e pensamos o mundo, o impulso que norteia nossas práticas no convívio social.

Mas como podemos captar e analisar o imaginário? Primeiramente, como em toda pesquisa, é necessário uma delimitação do objeto de estudo. Assim, partindo do princípio, proposto por Pesavento, de que “o imaginário é histórico e datado”,<sup>3</sup> optamos por delimitar o estudo no imaginário escatológico católico do final do século XX. Mais precisamente nas manifestações expressas na capital do Estado, a quinta maior metrópole do país (em 2000),<sup>4</sup> onde podemos ter uma amostra das diversas crenças que habitaram o Ceará. Parafraseando Gilmar de Carvalho, a memória de Fortaleza seria:

[...] a soma de várias camadas que se superpõem, como tecido vivo e se interpenetram, na tessitura de um texto maior, que compreende todas as experiências e vivências que têm-se acumulado, ao longo do tempo, num delicado e dialético processo de sedimentação e erosão.<sup>5</sup>

E devido a essa variedade de vivências e credos buscamos analisar apenas o catolicismo, por ser: o Brasil, em 1999, o maior país católico do mundo, com cerca de 119,7 milhões de fiéis, ou seja, 73% da população;<sup>6</sup> o Nordeste a região mais católica do Brasil (79,9%); o Ceará o segundo estado mais católico do País (86,7%);<sup>7</sup> e por 79% dos habitantes de Fortaleza professarem essa religião.<sup>8</sup> Levamos, também, em consideração toda a especificidade em que se deu a implantação do catolicismo no Ceará, que resultou em uma fé sincrética e fortemente leiga.

Todavia, ressaltamos que a manutenção das crenças escatológicas na cidade de Fortaleza não se daria apenas entre seus habitantes da periferia e nem só teriam sido transplantadas pelos emigrantes sertanejos. As classes sociais ditas elevadas e cultas também conservariam e

<sup>1</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 47.

<sup>2</sup> *Ibid.*, p. 43.

<sup>3</sup> PESAVENTO, 2003, p. 43.

<sup>4</sup> ALMANAQUE ABRIL 2001. 27. ed. São Paulo: Abril, 2000. Edição Brasil, p. 45.

<sup>5</sup> CARVALHO, Gilmar de. **Madeira matriz: cultura e memória**. São Paulo: Annablume, 1998, p. 263.

<sup>6</sup> TEICH, Daniel Hessel et al. A fé que move o Brasil: um povo que acredita. **Veja**. 1731. ed. São Paulo: Abril, ano 34, n. 50, p. 124-133, 19 dez. 2001.

<sup>7</sup> ANTONIAZZI, Alberto. As religiões no Brasil segundo o censo 2000. **Revista de Estudos da Religião**, n. 2, p. 75-80, 2003. Disponível em: <[http://www.pucsp.br/rever/rv2\\_2003/p\\_antoni.pdf](http://www.pucsp.br/rever/rv2_2003/p_antoni.pdf)>. Acesso em: 17 jun. 2010.

<sup>8</sup> POPULAÇÃO residente por religião. **Censo 2000**. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Fortaleza#cite\\_note-SIDRA\\_CR-14](http://pt.wikipedia.org/wiki/Fortaleza#cite_note-SIDRA_CR-14)>. Acesso em: 17 jun. 2010.

ressignificariam constantemente seu imaginário escatológico católico. Isto seria possível tanto pelas inter-relações culturais, - fecundas trocas subterrâneas, em ambas as direções, entre a alta cultura e a cultura popular, assim como a cultura sertaneja e a litorânea -, como quanto devido ao próprio psiquismo humano.<sup>9</sup>

Dessa forma, buscamos contribuir com a perspectiva de que a cidade, tida como a detentora do racional, também, seria um espaço privilegiado do imaginário. Mais precisamente, que a capital do Ceará expressaria suas crenças sub-repticiamente. Assim sendo, astutamente a fé dos devotos cidadãos correria como águas serenas, trilhando taticamente “atalhos” que acabariam por dilatar as doutrinas escatológicas da Igreja Católica.<sup>10</sup>

Crenças essas que, assim como o próprio imaginário, dilatam o nosso recorte temporal em um trânsito contínuo, onde passado, presente e futuro se imbricam. Então, aconselhamos ao leitor não se estarrecer com os milênios atribuídos às crenças aqui abordadas e nem muito menos com o trânsito contínuo desses três tempos, que se faz mais do que necessário no estudo do imaginário escatológico católico.

Destarte, as longínquas origens das crenças de fim do mundo relacionadas ao ano 2000 remontam a tradições imemoriais da sagrada família:

[...] antes da Ascensão, Nosso Senhor apanhando um leve punhado de areia, disse aos Discípulos: - *Até mil e pouco!*, e atirou-o ao vento. Nossa Senhora, apiedada do prazo concedido, encheu a santa mãozinha de areia e jogando-a também ao ar, suplicou: - *E mais estes, meu Filho!* [itálico do autor].<sup>11</sup>

Tal profecia seria atualizada ao ser passada de geração a geração<sup>12</sup> e na medida em que esses mil e poucos se transformavam em mil e tantos até se materializar em folhas de cadernos encontradas nos destroços da devastada Canudos, em 1897. Euclides da Cunha, em *Os Sertões*, transcreve o augúrio atribuído a Antônio Conselheiro (1828-1897): “Até mil e tantos, a dois mil não chegarás!”<sup>13</sup>

Por sua vez, a ilustração do Sagrado Coração de Jesus não deixaria esquecer o vaticínio. Sua mão direita indica com os dois dedos erguidos o curto prazo da humanidade.

<sup>9</sup> Cf. SERAINE, Florival. *Antologia do folclore cearense*. 2. ed. Fortaleza: Edições UFC, 1983, p. 15-16; GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das letras, 1987, p. 201.

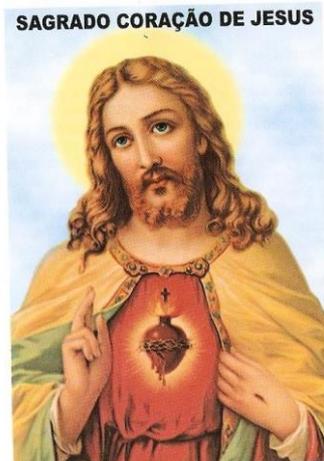
<sup>10</sup> Segundo Cascudo, do *templum*, representação da cidade, “podiam nascer superstições pelo processo modificador da imaginação popular, alheia às sutilezas da casuística. [...] Do *templum* desciam as águas de nascentes serenas, curso normal e conhecido desde as cabeceiras.” Cf. CASCUDO, Luís da Câmara. *Tradição, Ciência do povo*: pesquisas na cultura popular do Brasil. São Paulo: Editora Perspectiva, 1971, p. 151; Conforme Certeau, as táticas seriam as astúcias do fraco para tirar partido do forte, que desembocam em uma politização das práticas cotidianas. Cf. CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, p. 45, 103-104.

<sup>11</sup> Cascudo se inspira nos relatos de sua avó materna, Maria Ursulina da Câmara Fernandes Pimenta (1835-1929), na época com “lúcidos 94 anos de absoluta Fé sertaneja”. Cf. CASCUDO, Luís da Câmara. *Superstições no Brasil*. São Paulo: Global, 2001, p. 407.

<sup>12</sup> Entendemos a seqüência das gerações, conforme Paul Ricoeur, como a “relação anônima entre indivíduos, tomada em sua dimensão temporal”, ou seja, “na trama dos contemporâneos, dos predecessores e dos sucessores”. Cf. RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. Tomo III. Campinas, SP: Papirus, 1997, p. 187.

<sup>13</sup> CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. São Paulo: Nova Cultura/ Suzano, 2002, p. 108-109.

FIGURA 1: Santinho do Sagrado Coração de Jesus.



Fonte: SAGRADO Coração de Jesus. São Paulo: Impressos Unidos Pela Fé, s/d. Santinho.

Assim, a fatídica sentença persistiria no imaginário popular, sendo freqüentemente evocada e reforçada pelos profetas e poetas populares, que exploram as constantes impressionistas do gênero, tais como: “o fim do Mundo, calamidades tropejantes, prazos cronológicos até o ano 2000, variando os *sinais do cataclismo*, Sol apagado, Lua negra, mar de sangue fervente, peste, fome, guerra de inquietação”<sup>14</sup>

Segundo Jean Delumeau, os maiores meios de difusão das grandes angústias escatológicas no ocidente, a partir do século XIV, teriam sido as pregações populares, a imprensa e a gravura.<sup>15</sup> Entretanto, podemos constatar que esses instrumentos ainda seriam eficazes na fixação (memorização) dessas crenças no imaginário católico atual.

No Ceará, percebemos, também, que os grandes propagadores (bombeiros-incendiários) dessas expectativas foram à mídia (no momento) e a própria Igreja (ao longo da história), que apesar de condenar os milenarismos, estes continuaram borbulhando do século XVI em diante, ecoando em pregações de santos, profetas populares e devotos, “Todas as profecias que os folhetos registram e o Povo vê, são peremptórias: - Do Ano Dois Mil não passará a criatura vivente!”<sup>16</sup>

Portanto, entendemos que dentre os aspectos sócio-econômicos, políticos e culturais,<sup>17</sup> três fatores foram primordiais para o enriquecimento e afloramento do imaginário popular: o milenarismo, a imprensa e o catolicismo.

<sup>14</sup> CASCUDO, 2001, p. 458-459.

<sup>15</sup> DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente 1300-1800**: uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 319.

<sup>16</sup> CASCUDO, op. cit., p. 451-452.

<sup>17</sup> Partimos do pressuposto de Certeau, que “toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção sócio-econômico, político e cultural”. Cf. CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, p. 66.

## O Imaginário Milenarista

FIGURA 2: Charge 1???.



Fonte: SINFRÔNIO. Charge 1???. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 31 dez. 1998. Caderno Opinião, p. 2.

O ano de 1999 provocou grandes interrogações, como bem expressou o chargista Sinfrônio. A contagem regressiva para o ano 2000 tornaria 1999 um ano de muitas expectativas. Um “horizonte de expectativa”, conforme o historiador alemão Reinhart Koselleck, que se abriria para o futuro, para o não experimentado, para o que apenas poderia ser previsto. Esperança e medo, desejo e vontade, a inquietude, mas também a análise racional, a visão receptiva ou a curiosidade fariam parte dessa expectativa e a constituiriam.<sup>18</sup>

Devido a essas expectativas é que se pôde comemorar dois milênios no curto prazo de um ano. Milhões de pessoas esperavam que com o *Réveillon* 2000 se inauguraria o Terceiro Milênio. Enquanto que tal passagem ocorreria apenas no ano seguinte, em 2001, no verdadeiro milênio cronológico.

Todavia, tal descompasso ia além de um equívoco de interpretação do calendário. O ano 2000, - aguardado por muitos como o precursor de um novo milênio, tanto no seu sentido *cronológico* (que marcaria o início do terceiro milênio), como no *psicológico* (marco de uma nova Era, de um novo Mundo)<sup>19</sup> -, teria sido o tradicional ponto final das profecias, o ansiado *Millenial Day*, que segundo interpretações do Apocalipse (20, 1-5), poderia ser o período de mil anos durante o qual Cristo reinaria em pessoa sobre a Terra com a total ausência do mal

<sup>18</sup> KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006, p. 310.

<sup>19</sup> A NOITE do renascimento. **Diário do Nordeste Online**, Fortaleza, 31 dez. 1999. Disponível em: <<http://diarionordeste.globo.com/1999/12/31/index.htm>>. Acesso em: 27 jul. 2010.

(Satanás), mas que, no entanto, seria precedido pelo “fim dos tempos”, o fim do mundo.<sup>20</sup> Ele carregaria o peso emocional cumulativo de milhares de esperanças adiadas e previsões não cumpridas. Nenhuma data, nenhum número mágico além do ano 2000 (o milênio psicológico) teria aglutinado ao seu redor uma série tão extraordinária de apostas proféticas. Nem mesmo o ano 2001 (o milênio cronológico).<sup>21</sup>

Assim, a passagem para o ano 2000 teria sido mais espiritual, mais pessoal e mais particular do que nunca, como sugeriu a leitora do jornal *O Povo*, Tânia O’Grady, no dia 2 de janeiro de 2000: “dá uma vontade doida de mudar tudo, zerar o que não deu certo na vida de cada um e no mundo em geral, clamar pela ética, pela dignidade, pelo respeito, pela espiritualidade, coisas tão esquecidas no século 20.”<sup>22</sup> Aliás, o vazio gráfico de um ano cheio de zeros, nos instigaria psicologicamente a novas atitudes e a renovar os fetiches que pudessem dar sustentação à diluição de crenças.<sup>23</sup>

Segundo Mircea Eliade, essas reflexões seriam comuns nas festas de ano novo, pois nesse período se repetiriam os momentos míticos da passagem do caos à cosmogonia. Porém, esses sentimentos seriam reforçados pelo fato de que nesse dia, o destino dos homens seria determinado para todo o ano, no caso, para todo o milênio.<sup>24</sup>

No entanto, comparando o milênio psicológico com o cronológico podemos perceber a evolução das expectativas presentes nessas duas viradas de ano, bem expressas pela escritora Rachel de Queiroz. Primeiramente, toda a singularidade e o orgulho de estarmos iniciando um novo milênio no *Réveillon* 2000, o milênio psicológico, e, posteriormente, toda a sua decepção diante do *Réveillon* 2001, o milênio cronológico: “Esse negócio de datas impressiona especialmente as crianças. Me lembro de quando eu menina sonhava com o fim do milênio e me parecia impossível alcançá-lo. Já agora vai acabando o ano 2000, entramos no novo milênio, e que diferença faz?”<sup>25</sup>

Destarte, seria mais do que comum essa frustração diante de um novo século sem as mudanças abruptas e as realizações dos sonhos. Porém, mesmo apesar dessas decepções,

<sup>20</sup> LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: UNICAMP, 1996, p. 329.

<sup>21</sup> Schwartz estima que a produção mundial de artigos explicitamente dedicados ao ano 2000 a partir de 1950 estaria em torno de 15 mil e o número de livros, em torno de 2 mil. Cf. SCHWARTZ, Hillel. *Fim de século*. 5. ed. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1995, p. 412-413.

<sup>22</sup> O’GRADY, Tânia Caminha. Feliz ano todo. *O Povo*, Fortaleza, 2 jan. 2000. Caderno Jornal do Leitor, p. 1.

<sup>23</sup> PAIVA, Flávio. Começar do zero. *O Povo*, Fortaleza, 4 jan. 2000. Caderno Vida e Arte, p. 8.

<sup>24</sup> Segundo o costume dos Tártaros da Pérsia, o Naurôz, Ano Novo persa, seria simultaneamente a festa de Ahura Mazdâh (celebrada no “dia de Ohrmazd” do primeiro mês) e o dia da Criação do mundo do homem. Nesse dia o destino dos homens seria determinado para todo o ano. Na noite de Naurôz os persas acendiam fogos e luzes e faziam libações e purificações pela água para assegurar a abundância das chuvas para o ano seguinte. Cf. ELIADE, Mircea. *O mito do eterno retorno*: arquétipos e repetição. Rio de Janeiro: Edições 70, 1969, p. 69,79.

<sup>25</sup> QUEIROZ, Rachel de. O Milênio. *O Povo*, Fortaleza, 30 dez. 2000a. Caderno Vida e Arte, p. 8.

prosseguimos a imaginar como será o próximo século, o dia de amanhã, o futuro, tendo como base o presente, pois o pendor escatológico estaria acoplado à nossa raça.<sup>26</sup>

Para Câmara Cascudo, a memória atual seria a mesma dos anos 950-1000, mas o entendimento teria mudado de quadrante, “com a Lua pisada, o Sol medido, o átomo libertado”. Apenas as datas imutáveis resistiriam numa fatalidade hereditária: “na voz augural dos Nostradamos cabocos. A passagem dos séculos, ou dois zeros sinistros como dois olhos vazios, de cem em cem anos, sugeria admoestações e homilias nas dimensões do arrependimento e do medo julgadores”.<sup>27</sup>

## A Imprensa

Todavia, segundo Umberto Eco, no fim do segundo milênio existiram temores só em alguns grupos bastante marginais, sendo que foi a imprensa que criou tal psicose e que devido ao “excesso de arquivos, nossos descendentes poderão acreditar que toda a humanidade foi tomada de pânico durante a noite de 31 de dezembro de 1999”.<sup>28</sup>

Trazendo suas afirmações para dentro do contexto específico de Fortaleza, observamos que as manifestações foram bem variadas, de crianças a adultos e entre pobres e ricos. Segundo os jornais, *Diário do Nordeste* e *O Povo*, tivemos, de um lado, os jovens de classe média que viviam o dilema de qual “festa do fim do mundo”<sup>29</sup> iriam, e do outro, padres que reclamavam do sensacionalismo e afirmavam que parte da população dos bairros periféricos chegava a todo momento a suas igrejas para benzer velas e fósforos para se livrar da morte nos três dias de escuridão apocalíptica, que estariam por vir.<sup>30</sup>

Na periferia da Capital, por exemplo, o menino Clailton da Silva Araújo, de 9 anos, morador do bairro Padre Andrade, passou a chorar constantemente depois que viu na TV que o mundo iria acabar.<sup>31</sup>

<sup>26</sup> MELO apud UM ASSALTO à inocência: pessimismo continua sendo vendido como material de primeira necessidade. *Diário do Nordeste Online*, Fortaleza, 21 ago. 1999. Disponível em: <<http://diariodonordeste.globo.com/1999/08/21/index.htm>>. Acesso em: 28 jul. 2011.

<sup>27</sup> CASCUDO, 2001, p. 452-453.

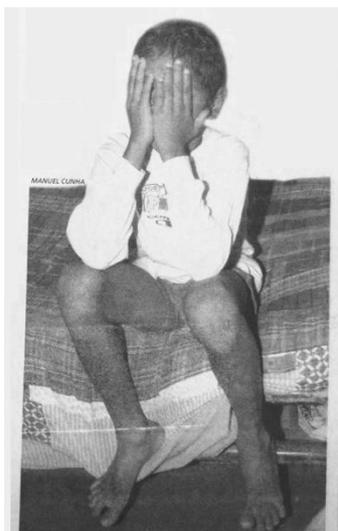
<sup>28</sup> ECO, Umberto. Para todos os fins úteis. In: CARRIÈRE, Jean-Claude. et al. *Entrevistas sobre o fim dos tempos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p. 171-213.

<sup>29</sup> O jornal *O Povo* divulga, por exemplo, a “Festa do final e começo do mundo” realizada no dia do eclipse solar, 11 agosto de 1999, às 23 horas, no Bar e Restaurante Maria Bonita (Rua Desembargador Leite Albuquerque, 358). Músicos: Jabuti, Flávio Rangel, Karine Alexandrino, Emílio e outros. Cf. *SHOW: Festa do final e começo do mundo*. *O Povo*, Fortaleza, 11 ago. 1999. Caderno Vida & Arte, p. 4B.

<sup>30</sup> REPERCUSSÃO gera festas e pânico. *Diário do Nordeste Online*, Fortaleza, 11 ago. 1999. Caderno Cidade. Disponível em: <<http://diariodonordeste.globo.com/1999/08/11/>>. Acesso em: 25 fev. 2006.

<sup>31</sup> BORTOLOTTI, Plínio; FURTADO, Ismael. Medo do fim do mundo aumenta com desinformação e credices. *O Povo*, Fortaleza, 11 ago. 1999. Caderno Cidades, p. 5A.

FIGURA 3: Clailton chora com medo do mundo acabar.



Fonte: “**Clailton**: apavorado e com medo de dormir”. Fotografia de Manuel Cunha. BORTOLOTTI, Plínio. Notícias na televisão assustam crianças. **O Povo**, Fortaleza, 11 ago. 1999. Caderno Cidades, p. 5.

Porém, o medo esteve também presente na casa de nossos ilustres políticos, como confessou apreensivo o deputado Artur Bruno: “Minhas filhas estão muito preocupadas”.<sup>32</sup>

Contudo, será que devido ao excesso de arquivos, produzidos pela mídia, nossos descendentes poderão acreditar que toda a humanidade foi tomada de pânico durante a noite de 31 de dezembro de 1999?

Ao analisarmos os jornais *O Povo* e *Diário do Nordeste* observamos que, em Fortaleza, esse final de ano não foi tão diferente dos outros, apenas pelo fato de haver a possibilidade de ocorrer o “bug do milênio”.<sup>33</sup> Preocupação aparentemente presente apenas em empresas e no governo, pois a imprensa não traz muitos relatos da população com temores apocalípticos relacionados a pane dos computadores.

Entretanto, essa suposta quietude devia-se ao fato do Brasil ainda não depender tanto da tecnologia da informação quanto os países mais desenvolvidos. Vastas regiões do interior ainda viveriam na Idade Média em termos de tecnologia.<sup>34</sup> Dente as cidades do interior cearense, por exemplo, apenas Sobral, Juazeiro do Norte, Crato, Barbalha, Iguatu, Quixadá, Camocim e Tianguá estavam ligadas à Internet, com provedores atuando localmente através de links da Embratel, sem a necessidade de ligações telefônicas interurbanas. E cidades como Parnaíba, no

<sup>32</sup> LIMA, Déborah. Crendice: o medo de quem faz a política. **O Povo**, Fortaleza, 11 ago. 1999. Caderno Política, p. 13A.

<sup>33</sup> O problema refere-se à pane geral dos computadores prevista para acontecer na virada de 1999 para 2000. A maioria dos sistemas de informação era programada para indicar um ano com apenas dois dígitos. Assim, ao final de 99, os computadores passariam a registrar 00 (podendo caracterizar o ano 1900, ao invés de 2000). Portanto, tudo que contivesse *microchips*, ativados por mecanismos de medição de tempo, poderia produzir uma série de erros com conseqüências desastrosas. Cf. WEBER, Eugen. **Após o Apocalipse**: crenças de fim (e recomeço) de mundo. São Paulo: Mercury, 2000, p. 229.

<sup>34</sup> GODOY, Norton. A ameaça do bug. **Isto É Online**. São Paulo: Três, n. 1543, 28 abr. 1999. Seção Tecnologia & Meio Ambiente. Disponível em: <[http://www.istoe.com.br/reportagens/30615\\_A+AMEACA+DO+BUG](http://www.istoe.com.br/reportagens/30615_A+AMEACA+DO+BUG)>. Acesso 23 mar. 2011.

Piauí, que contava com duas universidades, ainda estava sem acesso à Internet por causa da falta de estrutura para implantar a rede em pequenas cidades.<sup>35</sup>

Por esses motivos, a mal fadada pane do milênio não teria comparecido para estragar a festa da chegada do ano 2000. Conforme o jornal *Diário do Nordeste*, “a exemplo do restante do país e do mundo o *bug* não teve “sucesso” no Ceará. Todos os serviços funcionaram normalmente”.<sup>36</sup>

Portanto, o computador e a *internet* não faziam parte do mundo de uma grande parcela da população. Então, a mídia não pôde mobilizar as emoções coletivas a favor do *bug*, pois não havia uma sensibilidade local que a fortalecesse.<sup>37</sup> Nunca havíamos experimentado um *bug* antes, daí ele não ter conseguido estabelecer uma relação de significado na comunidade de imaginação, ou comunidade de sentido, como conceitua Backzo.<sup>38</sup> Talvez, por isso, o simbólico *bug* do ano 2000 tenha caído no vazio e no ridículo para um grande número de pessoas, e não só em Fortaleza, mas no mundo todo.<sup>39</sup>

Aliás, na capital do Ceará, os jornais divulgavam que havia uma “febre de esperanças” na maioria das pessoas em 31 de dezembro de 1999.<sup>40</sup> Todavia, o mês de agosto, tido popularmente como o mês do desgosto, foi o período de maior exploração de tal temática pela mídia, mais precisamente em 11 de agosto daquele ano, quando se temeu que um eclipse solar iniciaria os dias de trevas apocalípticas anunciadores do final dos tempos.

Na “cidade do sol” foram registradas as mais variadas crenças e manifestações nos mais diversos espaços da sociedade. Contudo, uma prática prevaleceu na imprensa, a dos católicos mandarem benzer velas para serem usadas na hora do eclipse, pois somente elas poderiam iluminar e os proteger dos três dias de sol escuro, que se seguiriam.

Assim, nas semanas imediatamente anteriores ao eclipse solar inúmeros profetas saíram às ruas proclamando seus vaticínios e a mídia, como um todo, inundou as TVs, rádios, jornais, com imagens e notícias sobre o fim do mundo.

*Misturam-se profecias, credices e fenômenos naturais. Do caldeirão de desinformação, surgem boatos e o medo de o mundo acabe hoje. As televisões, em*

<sup>35</sup> Salim Bayde Filho apud FONTENELE, Ebenezer. Internet vai ao interior. Da Editoria de Informática. *Diário do Nordeste Online*, Fortaleza, 13 dez. 1999. Caderno Informática. Disponível em: <<http://diariodonordeste.globo.com/1999/12/13/>>. Acesso em: 27 jul. 2010.

<sup>36</sup> O CEARÁ também se livrou do besouro. *Diário do Nordeste Online*, Fortaleza, 3 jan. 2000. Caderno Informática. Disponível em: <<http://diariodonordeste.globo.com/2000/01/03/>>. Acesso em: 1 abr. 2010.

<sup>37</sup> MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo na sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987, p. 26-27.

<sup>38</sup> BACKZO apud CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 13.

<sup>39</sup> Logo após a não concretização do *bug* surgiram vozes a questionar se todo o assunto não fora à grande “fraude do ano 2000” ou a “neurose do milênio”. Uma falsa entidade criada pelos marqueteiros para vender lazer, produtos e serviços. Em resposta as especulações, o conselheiro do presidente Bill Clinton para os problemas do *bug*, John Koskinen, declarou: “que as pequenas dificuldades surgidas no final de semana, apesar dos esforços empregados, demonstravam até que ponto o problema teria sido grave se não fossem tomadas as precauções necessárias”. Cf. ESPECIALISTAS DENUNCIAM o ‘Bug’ como uma fraude da indústria de informática. *Diário do Nordeste Online*, Fortaleza, 5 jan. 2000. Coluna Internacional. Disponível em: <<http://diariodonordeste.globo.com/2000/01/05/>>. Acesso em: 1 abr. 2010.

<sup>40</sup> MONTE, Airtton. A última do século XX. *O Povo*, Fortaleza, 31 dez. 1999. Caderno Vida & Arte, p. 2B.

busca de audiência fácil, açulam a imaginação, ilustrando as matérias sobre o suposto fim do mundo com imagens aterrorizantes do mar engolindo as cidades e o fogo consumindo a Terra. Difícil separar fantasia e realidade na voragem das imagens. [negrito do autor].<sup>41</sup>

Segundo Bourdieu, a televisão ao apresentar um desfile ininterrupto de povos miseráveis e as seqüências de catástrofes naturais, sem dar as devidas explicações e referências espaciais (atopia), faz com que seus telespectadores acabem por associar tais imagens como a seqüência de um fato. Dessa forma, a TV teria favorecido as ansiedades e as fobias de milhões de telespectadores, que constataram nessas “ameaças incompreensíveis e inquietantes” os sinais do fim do mundo.<sup>42</sup> Logo, contribuíram na corrida aos templos católicos e na mudança da rotina de milhões de fiéis. O padre da área pastoral do Parque Genibaú, Ermano Allegri, por exemplo, afirmou que teria benzido “uma caçamba de velas” nas últimas missas antes do eclipse: “se antes eu abençoava um ou dois maços de vela por missa, agora são no mínimo cem maços”.<sup>43</sup>

Dentre as profecias mais evocadas pela mídia podemos destacar o Terceiro Segredo de Fátima e as previsões de Michel de Nostradamus (1503-1566). Aliás, os intérpretes do vidente vislumbraram no eclipse solar o sinal que deveria marcar a vinda do “grande rei do terror”, anunciado na centúria X, quadra 72: “No ano de 1999 e sete meses, Do céu virá o grande rei do terror”.<sup>44</sup>

Porém, apesar dos grandes meios de comunicação explorarem largamente as previsões de Nostradamus, tal reverberação teria se dado devido à lembrança de uma série de profecias católicas relacionadas aos três dias de trevas apocalípticas, que sinalizavam a proximidade do fim dos tempos que fatidicamente ocorreria ao raiar de 2000. Visto, sobretudo, que no mês anterior a mesma centúria também teria contado com interpretações pessimistas do vidente, mas que não renderam a mesma repercussão.<sup>45</sup>

Assim, apesar do fenômeno ser um augúrio secundário, por representar mais um presságio da proximidade do fim dos tempos que fatidicamente ocorreria antes de 2000, 11 de agosto de 1999 teria se tornado, na prática, o marco do temor sobre o final dos tempos ao encerrar-se o século XX.

Então, a imprensa teria criado esta psicose? De acordo com Michel Maffesoli, “mesmo na publicidade, só é criador na medida em que consegue captar o que circula na sociedade”, ou seja,

<sup>41</sup> BORTOLOTTI; FURTADO, 1999, p. 5.

<sup>42</sup> BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1997, p. 140.

<sup>43</sup> REPERCUSSÃO..., 1999.

<sup>44</sup> NASSETTI, Pietro. **As profecias**: Nostradamus. São Paulo: Martin Claret, 2006, p. 464.

<sup>45</sup> A profecia de Nostradamus marcada para julho de 1999 usufruiu da atenção da mídia nacional brasileira às vésperas de sua “realização”. No encerramento do Jornal Nacional, exibido pela Rede Globo, o apresentador Chico Pinheiro informou: “O fim do mundo pode acontecer amanhã. Uma das previsões do vidente Nostradamus é que o mundo deve acabar no dia 4 de julho de 1999. Em todo mundo mais de mil seitas esperam pelo fim de tudo”. O telejornal explica que o dia exato faria referência a comemoração da águia, interpretado como o feriado dos Estados Unidos de 4 de julho. Cf. ENCERRAMENTO do Jornal Nacional em 1999. **Jornal Nacional**, 3 jul. 1999. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=DiYSvgTliFc>>. Acesso em: 16 dez. 2009.

o poder criador da imprensa consistiria em dar forma ao que existe nos espíritos, ao que existe de maneira informal ou disforme.<sup>46</sup> Maffesoli acrescenta, ainda, que a mídia pode mobilizar as emoções coletivas pelo viés da imagem televisiva, mas sua força proveria do *feed-back*, da memória social.<sup>47</sup> Sendo que, conforme Michel de Certeau, a memória brilha na ocasião: “ela suputa e prevê também ‘as vias múltiplas do futuro’ combinando as particularidades antecedentes ou possíveis”.<sup>48</sup>

Assim, entendemos que a “ocasião”, ou seja, o eclipse de 1999 e o ano 2000 ativaram e combinaram as lembranças das crenças (*feed-back*) presentes na tradição católica com o momento histórico. Portanto, a mídia não teria falsificado tal temor, pois houve uma ansiedade em relação ao ano 2000, que incluiu os sentimentos tanto de temor como de esperança. Sendo assim, a mídia, ao captar o que estava latente na sociedade, teria contribuído não com a criação, mas com a circulação e potencialização de tais crenças, favorecendo e permitindo a expressão de uma emoção comum.<sup>49</sup> Tornando-se, dessa maneira, um importante veículo para analisarmos as práticas sociais, as expectativas e o imaginário do final do século XX.

Portanto, a mídia pode mobilizar as emoções coletivas pelo viés da imagem televisiva, mas sua força proveria do fato de estarem ligadas a uma sensibilidade local que num movimento de *feed-back* (memória social), de retorno, a determinaria.<sup>50</sup> Assim, tendo em mente o pressuposto defendido por Marieta Ferreira e Janaína Amado, segundo o qual “os eventos são lembrados à luz da experiência subsequente e das necessidades do presente”,<sup>51</sup> entendemos que as crenças escatológicas foram lembradas (*feed-back*) à luz de referências concretas dos movimentos e profecias presentes no imaginário dos fiéis católicos, sendo estimuladas e ressignificadas em virtude das necessidades do presente, ou seja, a ansiedade com o eclipse solar de 1999 e a aproximação do ano 2000.

Sendo que tal memória social em sua extensa potencialidade ultrapassaria o tempo de vida individual:

[...] por meio de relatos de experiências familiares, de crônicas que registram o cotidiano, de tradições, de histórias contadas através de gerações e de inúmeras formas de narrativas, constrói-se a memória de um tempo que antecedeu ao da vida de uma pessoa. Ultrapassa-se o tempo presente, e o homem mergulha no seu passado ancestral. Nessa dinâmica, memórias individuais e memórias coletivas encontram-se, fundem-se e se constituem como possíveis fontes para a produção do conhecimento histórico.<sup>52</sup>

<sup>46</sup> MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade. **Revista FAMECOS**. Porto Alegre, n. 15, p. 74-82, ago. 2001, p. 81.

<sup>47</sup> Id., 1987, p. 26-27.

<sup>48</sup> CERTEAU, 1994, p. 158.

<sup>49</sup> MAFFESOLI, op. cit., p. 81.

<sup>50</sup> Id., 1987, p. 26-27.

<sup>51</sup> FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2005, p. 111.

<sup>52</sup> DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral**: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 40-41.

Vale ressaltar, ainda, que apesar da Igreja buscar acalmar e esclarecer seus fiéis, ela, como a mídia, parafraseando Pierre Bourdieu, também acabaria desempenhando o papel de bombeiro incendiário, ou seja, a Igreja também contribuiu para produzir e conservar essas expectativas.<sup>53</sup>

Isso se daria, também, devido à capacidade humana de apenas ver e ouvir o que colabora com suas convicções e crenças. Nas palavras sempre atuais de Las Casas: “é uma maravilha ver como, quando um homem deseja muito algo e se agarra firmemente a isso em sua imaginação, tem a impressão, a todo momento, de que tudo aquilo que ouve e vê testemunha a favor dessa coisa”.<sup>54</sup> Por conseguinte, nosso imaginário agiria como um filtro remodelando as leituras, enfatizando certas passagens enquanto oculta outras, exagerando o significado de uma palavra ou simplesmente tirando-as do contexto.<sup>55</sup>

Assim, investigamos esse imaginário, segundo o paradigma indiciário proposto por Carlo Ginzburg,<sup>56</sup> buscando decifrar os caracteres divinos inscritos na realidade, ou seja, estudamos a circulação e a reapropriação dessas crenças analisando seus vestígios presentes em memorialistas, em devocionários e na própria doutrina da Igreja Católica, assim como nas “culturas populares”. Sendo que tratamos aqui a cultura popular no plural, conforme Michel de Certeau, segundo os usos (“populares”) táticos que os fiéis fazem da religião modificando-lhe o funcionamento.<sup>57</sup>

Todavia, diferenciamos doutrina e crença partindo dos conceitos de “tática” e “estratégia” apontados por Michel de Certeau, pois percebemos que as doutrinas estariam para as estratégias, assim como as crenças estariam para as táticas. Então, as estratégias seriam todo o discurso disciplinante e doutrinário que a Igreja emprega, e as táticas, as formas encontradas pelos fiéis e pelos próprios ministros de adaptarem essas normas às suas práticas cotidianas. As doutrinas por terem que agir conforme suas próprias normas se tornariam mais restritas e mais rígidas, enquanto as crenças seriam mais maleáveis, pois permitiriam que seus usuários façam uma bricolagem com as religiões, usando inúmeras e infinitesimais metamorfoses das doutrinas, segundo seus interesses próprios e suas regras.<sup>58</sup>

<sup>53</sup> BOURDIEU, 1997, p. 93.

<sup>54</sup> TODOROV, Tzvetan apud LOPES, Régis. **João de Cristo Rei**: o profeta de Juazeiro. Fortaleza: SECULT, 1994, p. 65.

<sup>55</sup> GINZBURG, 1987, p. 80

<sup>56</sup> Ginzburg propõe um método investigativo baseado no exame dos indícios que permitem captar uma realidade mais profunda e reconstruir trocas e transformações culturais, e revelar fenômenos mais gerais, como a visão de mundo de uma classe social, de um escritor ou de toda uma sociedade. Cf. GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 143-180.

<sup>57</sup> CERTEAU, 1994, p. 75-79.

<sup>58</sup> *Ibid.*, p. 40, 45, 47.

## Catolicismo Plural, Imaginário Caleidoscópico

Aliás, na Terra de Santa Cruz o catolicismo imposto pelos portugueses se impregnou de idéias supersticiosas, de crenças mágico-fetichistas e animistas no contato com os indígenas e os africanos.<sup>59</sup> Dessa forma, o Brasil nasceu católico, mas de um catolicismo moreno, plural, caleidoscópico. Expressão de uma genuinidade brasileira, caracterizada pela grande ampliação das possibilidades de comunicação com o sagrado.<sup>60</sup>

Observamos essa plasticidade tática dos fiéis que astuciosamente, para controlar seus medos e alargar suas possibilidades de proteção, recorreram às suas crenças “fatalistas”, apontadas depreciativamente como superstições, mas que na verdade se tratam do “velho jeitinho brasileiro”, astúcias milenares dos fracos (devotos) na ordem estabelecida do forte, seja este a Igreja ou a própria “providência divina”.<sup>61</sup> Plasticidade essa que, ainda, é inflada pela própria cultura que hoje se mistura cada vez mais com outras inúmeras culturas, evaporando as fronteiras entre épocas, espaços e níveis sociais e educacionais.<sup>62</sup>

Por isso, nas falas dos devotos podemos encontrar uma série de elementos divergentes, como a crença espírita (poder das almas), a evangélica (arrebatamento) e a esotérica (Profecias Maias), que se articulariam em um único eixo, o catolicismo. Assim, muitos fiéis, mesmo admitindo idéias e práticas rejeitadas pelas autoridades da Igreja e participando pouco dos rituais oficiais, ainda continuam a se confessar católicos, tornando o Brasil o maior país católico do mundo.

Assim, conforme Michel de Certeau, almejamos analisar essas práticas microbianas – multiformes, resistentes, astuciosas e teimosas – que escapam da disciplina, que sobrevivem ao engessamento do discurso oficial da Igreja (referidas como as estratégias),<sup>63</sup> e que revelam a riqueza e a força do imaginário.

No entanto, parafraseando o historiador Francisco Régis Lopes Ramos, o presente trabalho não tem a intenção de criar um esquema explicativo para o imaginário dos fiéis, nem de encontrar um “imaginário típico” ou um caso exemplar ou representativo. Não há o objetivo de fornecer uma síntese ou uma regra geral. A discussão se move com o intento de estudar elementos mais ou menos gerais que circulam no imaginário dos católicos de Fortaleza no raiar

<sup>59</sup> OLIVEIRA, Frei Hermínio Bezerra de. **Formação histórica da religiosidade popular no Nordeste: o caso de Juazeiro do Norte**. São Paulo: Edições Paulinas, 1985, p. 52.

<sup>60</sup> TEIXEIRA, Faustino. Faces do catolicismo brasileiro contemporâneo. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata. (Org). **Catolicismo Plural: dinâmicas contemporâneas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p. 17-30.

<sup>61</sup> CERTEAU, op. cit., p. 103-104.

<sup>62</sup> CANCLINI, Néstor García. **Leitores, espectadores e internautas**. São Paulo: Iluminuras, 2008, p. 12, 152.

<sup>63</sup> CERTEAU, 1994, p. 175.

do novo milênio.<sup>64</sup> Fragmentos de crenças e tradições que encontramos (re)produzidas em devotos, como Carlos, um católico “típico”. Típico justamente porque é plural.

## Carlos, um católico “típico”?!

Como já observamos, o ser católico é plural, um caleidoscópio de modos de sentir e praticar sua fé, e levando em consideração essa grande diversidade do crer, nada melhor que buscarmos trazer a tona o imaginário escatológico de um devoto católico praticante, que cognominamos como Carlos. Certamente, ele corresponde ao que indica Certeau, “o lugar onde atua uma pluralidade incoerente (e muitas vezes contraditória) de suas determinações relacionais”.<sup>65</sup>

Para preservarmos a imagem de nosso depoente, não revelamos o seu real nome e nem fornecemos qualquer informação que possibilite identificá-lo. Levantamos apenas os dados que o tornam, dentro do possível, o mais representativo do imaginário e das práticas desenvolvidas pelos católicos, em Fortaleza, no período recortado.

Assim como Carlo Ginzburg identifica Menocchio dentro da cultura popular, subalterna, camponesa, poderíamos identificar Carlos dentro da cultura dominante do litoral, contudo, haveria uma inversão dos modelos. Enquanto Menocchio colocava em primeiro plano seu próprio raciocínio, Carlos se aproxima mais do discurso dos profetas visionários, proclamando estranhos vaticínios nos bastidores das missas celebradas na cidade de Fortaleza.<sup>66</sup> Carlos, também, se vangloria de suas revelações e iluminações particulares que, aliás, são mediadas pela sua racionalidade própria.

Racionalidade inflada pela própria cultura que hoje se mistura cada vez mais com outras inúmeras culturas, evaporando as fronteiras entre épocas e níveis educacionais.<sup>67</sup> Dessa forma, Carlos articula essa grande diversidade de linguagem que estão historicamente à sua disposição. Por isso, nas suas falas encontramos uma série de elementos por vezes divergentes, que apesar de não ser possível estabelecer recortes claros, eles se articulariam em um único eixo, a tradição católica.

<sup>64</sup> RAMOS, Francisco Régis Lopes. **O verbo encantado**: a construção do Pe. Cícero no imaginário dos devotos. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1998, p. 30, 94.

<sup>65</sup> CERTEAU, op. cit., p. 38.

<sup>66</sup> Chamava-se Domenico Scandella, conhecido por Menocchio. Nasceu em 1532 (quando do primeiro processo inquisitorial declarou ter 52 anos), em Monteraiale. Era casado e tinha sete filhos. Sua atividade era “de moleiro, carpinteiro, marceneiro, pedreiro e outras coisas”. Cf. GINZBURG, 1987, p. 25, 37.

<sup>67</sup> CANCLINI, 2008, p. 12, 152.

Tradição essa que não se separa em classes, seja subalterna ou dominante, do sertão ou litoral, burguesa ou proletária. A tradição está presente em todas as classes, em todos os grupos, em todas as tribos, em alguns se manifesta mais claramente do que em outros. Passada oralmente e/ou por ações e gestos, por vezes, inconscientes, se revelando quando necessária, “brilhando na ocasião”.<sup>68</sup> Assim, os devotos expressariam suas crenças sub-repticiamente, que dilatam as doutrinas da Igreja a seu favor.

Portanto, entendemos que a pluralidade do catolicismo torna fiéis como Carlos um católico “típico”. Típico porque ambos são multifacetados. Todavia, afirmar que Carlos é um porta-voz do imaginário popular católico, em Fortaleza, não significa colocá-lo como um veículo que engloba tal imaginário, visto que suas crenças seriam um fragmento, um pedaço significativo do movimento terreno das crenças e tradições (re)produzidas pelos devotos.<sup>69</sup> Além do mais, com esse exemplo de católico praticante podemos, também, deslumbrar a infinidade de sincretismos que se realizam no imaginário católico não praticante, no qual a atuação normalizante da igreja pouco intervém.

Carlos nasceu em Fortaleza, em 1938. De uma grande família católica praticante, dos 10 irmãos, apenas um se declarou recentemente espírita e médium. Sua esposa é Ministra da Eucaristia há 25 anos. Estudou até o Ensino Médio e trabalha assiduamente na Igreja Católica, localizada em área nobre da Capital, desde 1995, depois que se aposentou. Dentre suas principais funções na igreja está a realização da Oração das Almas<sup>70</sup>, a qual faz já há 10 anos, todas as segundas-feiras.<sup>71</sup>

Carlos afirma, também, rezar todos os dias 1000 (mil) Ave-Marias. Para rezá-las conta com um terço específico que facilita o controle da contagem das orações. Segundo ele: “não tem nada que você peça, filha, que você não consiga. Por que oração é tudo.”<sup>72</sup> Ele acredita, que quanto mais ajuda as pessoas, mais Deus o ajuda: “aqui as pessoas me pedem muitas coisas. Aí, vem agradecer. Aí, eu digo: - Não agradeça a mim não, agradeça ao Senhor. Ele é que é fiel. Ele que é o patrão que não precisa do empregado. A misericórdia dele é que mantém a gente.”<sup>73</sup> Ele acredita que através das suas orações já intermediou milagres e expulsou demônios.

Inclusive, crê que se as pessoas orassem mais o mundo não estaria perdido:

<sup>68</sup> CERTEAU, 1994, p. 158.

<sup>69</sup> LOPES, Régis. *João de Cristo Rei*: o profeta de Juazeiro. Fortaleza: SECULT, 1994, p. 65.

<sup>70</sup> A Oração das Almas visa à salvação das almas que habitam o purgatório.

<sup>71</sup> CARLOS: depoimento [30 nov. 2011a]. Entrevistadora: Kalliany Moreira Menezes. Fortaleza, 2011a. MP3 (30 min). Entrevista concedida a Dissertação “Até mil e tantos, a dois mil não chegarás!”: o ano 2000 no imaginário escatológico católico, em Fortaleza (1998-2001) do Mestrado Acadêmico em História (MAHIS), Universidade Estadual do Ceará (UECE).

<sup>72</sup> Idem.

<sup>73</sup> Idem.

...quando eu rezo por você a graça do Senhor já tá me pagando, ele dobra a graça. [...] O Senhor já está me dando uma graça adicional. O Senhor é que é o verdadeiro mais. Compreendeu? Se as pessoas entendessem isso. [...] É isso, o que o Senhor quer. Aí, não estaria acontecendo o que tá acontecendo. Aí, não, porque eu com essa minha idade eu nunca vi o negócio tão sério como tá agora.<sup>74</sup>

Aliás, o devoto, avaliando a situação atual do mundo, chega a conclusão que já estaríamos no final dos tempos: “eu acredito, na minha humilde concepção, que é o final dos tempos, minha filha, que não pode ficar pior que está.”<sup>75</sup>

Afinal, em quê acredita Carlos? Como concebe que se realizará o final dos tempos? Essas perguntas são difíceis de responder, pois, segundo Câmara Cascudo, na plasticidade sentimental brasileira seria fácil saber no que se acredita, mas bem difícil precisar no que não se crê.<sup>76</sup> Contudo, tentaremos, seguindo os seus depoimentos, desenhar esse quadro, que nunca fará jus a paisagem delineada em seu imaginário católico.

Apesar de afirmar que não acreditou que o mundo acabaria no final do milênio passado, ele crê que esse mesmo milênio foi transferido para o ano 2012, ou seja, todas as expectativas, crenças e imaginários existentes em 2000, Carlos esperava que se concretizassem em 2012, o novo milênio psicológico. É claro que as crenças e anseios existentes em 2000 foram agregados a outros, como as Profecias Maias. Segundo o fiel, os maias teriam previsto que, em 21 de dezembro de 2012, aconteceria o alinhamento das galáxias, que provocaria o deslocamento do eixo do planeta Terra. Esse inclinação provocaria diversas catástrofes, mas depois de três dias de trevas, o eixo da Terra voltaria ao normal, ou melhor, se aperfeiçoaria. O devoto afirmava, que não sabia se Cristo retornaria depois dos três dias de trevas. No entanto, seu sorriso e olhar expressos no depoimento pareciam dizer que tinha uma idéia, mas não queria revelá-la: “não, a gente não sabe o que é que vai acontecer. [...] Deve acontecer alguma coisa, né.”<sup>77</sup>

O imaginário acerca dos três dias de escuridão apocalíptica e o eminente fim do mundo, também, seria reforçado pela crença no Terceiro Segredo de Fátima. Além do mais, os segredos seriam ótimas fontes para aflorar os imaginários. Conforme Certeau, o imaginário “vê-se tanto mais quanto menos se *toma*”,<sup>78</sup> ou seja, na falta de maiores detalhes do que essas mensagens descreviam mais se expandiram suas possibilidades, mais se criou e se imaginou o que o futuro guardava. Assim, podemos observar como as mensagens e revelações marianas têm contribuído para moldar o imaginário escatológico católico.

<sup>74</sup> Idem.

<sup>75</sup> Idem.

<sup>76</sup> CASCUDO, 2001, p. 346.

<sup>77</sup> CARLOS: depoimento [5 dez. 2011b]. Entrevistadora: Kalliany Moreira Menezes. Fortaleza, 2011. MP3 (23 min). Entrevista concedida a Dissertação “Até mil e tantos, a dois mil não chegarás!”: o ano 2000 no imaginário escatológico católico, em Fortaleza (1998-2001) do Mestrado Acadêmico em História (MAHIS), Universidade Estadual do Ceará (UECE).

<sup>78</sup> CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. Campinas, SP: Papyrus, 1995, p. 43.

Em 2012, o devoto Carlos ainda esperava a realização do Terceiro Segredo de Fátima:<sup>79</sup> “eu tenho em casa o terceiro segredo, se você quer eu trago outra hora, o padre proibiu que eu soltasse.”<sup>80</sup> Segundo Carlos, o padre teria alegado que “só se pode dar uma informação se o Papa assinar”.<sup>81</sup> Reafirmando, assim, a postura oficial da Igreja frente a tais práticas.

Contudo, apesar dessa carta ter sido proibida pelo padre, podemos constatar que ela circulava subterraneamente entre os fiéis, pois quando estávamos colhendo o depoimento de Carlos, uma senhora se aproxima de nós perguntando se estávamos realizando um trabalho do Shalom. Ao informá-la que se tratava de um trabalho para a universidade, a senhora, enfática, reconhece a autoridade de Carlos nesses assuntos, “ótimo, mas pegou a pessoa certa”, e a cumplicidade se revela entre ambos, quando Carlos afirma: “Eu vou trazer a carta, aquela carta pra dar a ela.”<sup>82</sup> Em tal carta, a Irmã Lúcia revelaria o Terceiro Segredo de Fátima.

**Minha filha, eu digo ao mundo o que acontecerá entre os anos 1950-2012.[...] Deus permitirá que todos os fenômenos naturais, como a fumaça, o granizo, o frio, a água, o fogo, as inundações, os terremotos, o tempo inclemente, os veis e os invernos extremamente frios acabem pouco a pouco com a Terra. Estas coisas, de qualquer maneira acontecerão antes do ano 2012. [...]**

Eles quererão, quando for chegada a hora, ter morrido, **milhões destes perderão a vida em segundos...** [negrito nosso].<sup>83</sup>

Carlos informa, ainda, que conseguiu a carta na própria igreja e reforça a importância de sua pessoa na instituição: “aqui me deram a carta do jeito que você veio falar comigo, e combinaram de você falar comigo. Muitas pessoas aqui me procuram, pedem uma informação, pedem uma coisa. Eu tô todo tempo ensinando o caminho das pedras. Não vá por aqui, faça assim, não faça assim.”<sup>84</sup>

O devoto acredita que foram os próprios católicos, como ele, que propagaram a carta e deixa implícito que a mesma não contradiz a Bíblia, e que a reprovação por parte do padre se daria não por ela ser falsa, mas porque as pessoas não estariam preparadas para saberem da verdade tenebrosa.

<sup>79</sup> Nossa Senhora teria aparecido, em 13 de maio de 1917, em Portugal, e revelado três segredos aos pastorinhos Lúcia de Jesus dos Santos e seus dois primos Francisco e Jacinta Marto. Os dois primeiros foram revelados em 31 de agosto de 1941. O primeiro se tratava da visão do inferno e o segundo alertava sobre o início da II Guerra Mundial (1939-1945). O terceiro foi escrito pela Irmã Lúcia, em 3 de janeiro de 1944, mas somente poderia ser revelado depois de 1960, pois segundo sua intuição antes desse ano não se conseguiria compreendê-lo. Contudo, o silêncio dos Papas acendeu as especulações, dentro e fora da Igreja, de que a mensagem da última parte do segredo estaria ligada a previsões trágicas. Segundo Olivo Cesca, o Papa João XXIII (1958-1963) teria exclamado, no dia 17 de agosto de 1959: “não posso tornar público este texto, para não provocar pânico no mundo inteiro. Não quero ser profeta de desgraças”. Cf. CESCO, Olivo. **A profetisa dos tempos finais**: profecia mariana sobre os últimos tempos, de La Salette aos nossos dias. Porto Alegre: Editora Myrian, 2001, p. 25-31.

<sup>80</sup> CARLOS, 2011a.

<sup>81</sup> Id., 2011b.

<sup>82</sup> CARLOS, 2011a.

<sup>83</sup> O TERCEIRO SEGREDO DE FÁTIMA. Carta. Fortaleza, [2005?]. 3p. Entregue em: 1 dez. 2011. Propriedade de Carlos (entrevistado).

<sup>84</sup> CARLOS, 2011b.

Eu acredito que tenha sido por outras pessoas católicas, né, porque os evangélicos, eles não acreditam nisso. Eu fui criado pra também não acreditar, porque se eu acredito no Senhor, eu não tenho que me preocupar com o que vem acontecer. Apenas a pessoa me entregou a carta, mandei tirar cópia para aquelas pessoas mais ligadas. E as pessoas não interessa a carta. Agora, o que me freou foi o padre.

[reproduz a fala do padre] - Não, não dê essa carta, não, que na certa o povo não tem capacidade de assimilar as coisas.

[Carlos] Aí, você vai lá pra Bíblia e tem isso aí, tá no Apocalipse e ainda diz o seguinte: “vigiai e orai porque não sabeis a hora que o senhor vai chegar”, ou não, ou “vigiai e orai porque não sabeis a hora que você vai ou eu vou”.<sup>85</sup>

Como podemos observar, no início da entrevista, Carlos é cauteloso. Ele afirma que havia apenas entregado a carta às pessoas mais próximas, apesar de dar a entender que continuaria a distribuir abertamente, se o padre não o tivesse proibido. Entretanto, no fim de seu depoimento, aparentando estar mais a vontade, ele já declara tê-la distribuído largamente:

[...] o Terceiro Segredo, aquela ali, eu tava distribuindo aqui a todo mundo. Aí, o padre me chamou:

[reproduz a fala do padre] - Rapaz procura ver quem tá distribuindo essa carta, não pode não.

[Carlos] Eu digo: - Sou eu.

[reproduz a fala do padre] - Tu tá ficando doido bicho.

[Carlos] Era eu, não podia dizer que não era. [...] Aí, o pessoal ia se confessar e contava até pecado que não tinha feito.<sup>86</sup>

Por fim, ele reforça a autenticidade da carta: “eu soube já que no Terceiro Segredo de Fátima, João Paulo II chorou, né, deve ter sido isso aí”.<sup>87</sup>

Facilmente podemos acessar uma versão/apropriação dessa carta na *internet*. Ela apresenta sutis modificações na escrita, mas mantém a mesma mensagem e os mesmos sinais. Localizamos no *site* intitulado “Sobrenatural” a carta com data mais antiga, que corresponderia ao mesmo período daquela que nós foi entregue pelo devoto Carlos. O *site* informa que a carta teria sido enviada no dia 9 de outubro de 2005, poucos meses após a morte da irmã Lúcia, que falecerá no dia 13 de fevereiro de 2005. A morte da irmã Lúcia aparece em ambas como o marco autorizador de tal revelação.

**Veja minha filha, eu mostrei para o mundo o que acontecerá entre os anos 1950-2012.** [...] Deus permitirá que todos os fenômenos naturais, como a fumaça, o granizo, o frio, a água, o fogo, as inundações, os terremotos, o tempo inclemente, desastres terríveis e invernos extremamente frios, acabem pouco a pouco com a Terra; **estas coisas de qualquer maneira acontecerão nas proximidades do ano 2000...** [negrito nosso].<sup>88</sup>

<sup>85</sup> Idem.

<sup>86</sup> CARLOS, 2011b.

<sup>87</sup> Idem.

<sup>88</sup> O TERCEIRO Segredo de Fátima. **Sobrenatural**. Enviado em: 9 out. 2005. Disponível em: <[http://www.sobrenatural.org/lenda\\_urbana/detalhar/887/o\\_terceiro\\_segredo\\_de\\_fatima/](http://www.sobrenatural.org/lenda_urbana/detalhar/887/o_terceiro_segredo_de_fatima/)> Acesso em: 2 dez. 2011.

O trecho que nos indicaria que a carta da *internet* é mais antiga é quando esta ainda se refere ao ano 2000. Enquanto que na correlata de Carlos essa passagem já é atualizada com o ano 2012.

Aliás, a materialização desse imaginário também estava expresso e impresso em um boletim que circulou no Cariri, região sul do Estado do Ceará. O jornal *Diário do Nordeste*, no dia 21 de junho de 1999, traz um trecho da mensagem contida nesse boletim. Observemos as semelhanças:

**Vai minha filha e apregoa ao mundo as coisas que vão acontecer entre os anos de 1950-2000. [...].  
Milhões deles morrerão dentro de poucos segundos. Os que sobreviverem desejarão estar mortos com eles... [negrito nosso].<sup>89</sup>**

Provavelmente, tais cartas e boletins se tratariam de apropriações de uma “cópia diplomática”, que teria sido produzida a pedido do Papa Paulo VI (1963-1978), que temendo a “guerra fria”, teria enviado o resumo do Terceiro Segredo aos líderes das três grandes potências mundiais da época – John Kennedy, Presidente dos Estados Unidos; Harold MacMillan, Primeiro-Ministro Britânico; e Nikita Krushev, Primeiro-Secretário do Partido Comunista da União Soviética – pedindo-lhes que antecipassem para agosto daquele ano o acordo de cessação das experiências atômicas. No dia 5 de agosto, em Moscou, o acordo foi assinado com a adesão de noventa países.<sup>90</sup>

Um jornal do Vaticano, *L'Osservatore dela Domenica*, inclusive, teria publicado essa “cópia diplomática”, em 15 de outubro de 1978, sob o título “Profecia e realidade”, com a assinatura do Padre Corrado Balducci.

**[...] Um grande castigo cairá sobre o gênero humano. Não hoje nem amanhã, mas na segunda metade do século XX. O que dei a conhecer em La Salette, por intermédio das crianças Melânia e Maximino, hoje repito a vocês. [...]  
Milhões e milhões de homens perderão a vida de uma hora para outra, e os sobreviventes invejarão a sorte dos mortos... [negrito nosso].<sup>91</sup>**

Então, a “cópia diplomática” já seria uma apropriação da profecia de La Salette<sup>92</sup>, que por sua vez condensaria diversas crenças escatológicas amplamente temidas na Idade Média e que

<sup>89</sup> VICELMO, Antônio. Cariri respira clima apocalíptico. *Diário do Nordeste Online*, Fortaleza, 21 jun. 1999b. Caderno Regional. Disponível em: <<http://diariodonordeste.globo.com/1999/06/21/>>. Acesso em: 14 jan. 2011.

<sup>90</sup> CESCO, 2001, p. 41-42.

<sup>91</sup> *Ibid.*, p. 42-43.

<sup>92</sup> Conforme Olivo Cesca, Maria teria aparecido a dois pastores, Melânia Calvat (15 anos) e Maximino Giraud (11 anos), no dia 19 de setembro de 1846, em La Salette, nos Alpes franceses. Nessa aparição, Nossa Senhora teria revelado um segredo para cada criança, dos quais apenas um poderia ser revelado a partir de 1858. Contudo, o Segredo seria publicado apenas em 1879. Maria teria profetizado que Roma perderia a fé e se tornaria a sede do Anticristo; que o Anticristo seria o “demônio encarnado” e nasceria de um bispo e de uma religiosa hebréia, uma falsa virgem; e que a Terra seria castigada com toda a espécie de praga e catástrofes naturais, que se intensificariam à medida que se aproximasse o Juízo Final. Anunciaria, também, que no derradeiro dia, num abrir e fechar de olhos, os pecadores pereceriam e a Terra seria purificada pela água e o fogo; quando, finalmente, Deus seria glorificado por todo o sempre. Cf. *Idem*.

ainda hoje ecoariam no imaginário dos fiéis. Talvez, essa condensação de profecias bíblicas tenha levado o Papa João Paulo II a considerá-la “o coração das profecias de Maria”.<sup>93</sup> Transcrevemos abaixo um trecho da versão, considerada a mais completa, feita em 21 de novembro de 1878.

**A sociedade está na iminência dos flagelos mais terríveis e dos maiores acontecimentos [...].**

Ai dos habitantes da Terra! Haverá guerras sangrentas e fome, peste e doenças contagiosas; haverá chuvas de granizo espantosas para os animais; trovoadas que abalarão as cidades, terremotos que engolirão países; ouvir-se-ão vozes pelos ares; **os homens baterão as cabeças contra as paredes; pedirão a morte, e por outro lado a morte será seu suplício**; o sangue correrá de todo lado. [...]

Chegou a hora, **o sol se obscurece**, só a fé viverá... [negrito nosso].<sup>94</sup>

Podemos observar que ambas, além de pontuarem os mesmos fatos, trazem algumas passagens com uma escrita muito semelhante. Tais atualizações serviriam para favorecer sua memorização e difusão nos espaços que circulava, assim, se moldando ao seu público ouvinte e leitor, contribuindo, dessa forma, para o fortalecimento de tais crenças no imaginário escatológico católico. Além do mais, a popularização desses textos pode nos revelar “a procura de confirmação para idéias e convicções já estabelecidas de maneira sólida.”<sup>95</sup>

Reforçaram tanto que ainda hoje muitos fiéis aguardam a concretização do Terceiro Segredo de Fátima, mesmo o Vaticano já o tendo revelado ao público em 13 de maio de 2000, no final da cerimônia de beatificação dos videntes Francisco e Jacinta, no santuário de Fátima, em Portugal. Publicado oficialmente em 26 de junho de 2000, foi acompanhado de um comentário teológico do Cardeal Ratzinger (Papa Bento XVI, 2005-2013) na época, Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé.<sup>96</sup>

Segundo a interpretação da Igreja, a visão de Fátima condensaria tempos e espaços numa única imagem, que se referiria, sobretudo, a luta dos sistemas ateus contra a Igreja e os cristãos, assim como o atentado sofrido por João Paulo II, em 13 de maio de 1981, na Praça São Pedro.<sup>97</sup> Todavia, tal interpretação não seria tão aceita por parte dos fiéis e nem por vários teólogos católicos e intelectuais.<sup>98</sup>

<sup>93</sup> CESA, op. cit., p. 11.

<sup>94</sup> A primeira redação oficial do segredo foi feita por Maximino em 3 de julho de 1851 e por Mélanie três dias depois. Os manuscritos foram lacrados pelo Bispo de Grenoble, Monsenhor de Bruillard, e entregues a Pio IX. Somente em 9 de maio de 1923, uma edição do segredo foi inscrito com *imprimatur* do bispado de Lecce datado de 15 de novembro de 1879. Cf. DUFAUR, Luis. A transcendência da mensagem e do Segredo de La Salette. **Catolicismo Revista de Cultura e Atualidade**, set. 2006. Disponível em: <<http://www.catolicismo.com.br/materia/materia.cfm?IDmat=614E2FD4-3048-560B-1CECC3531AA619F3&mes=Setembro2006&>>. Acesso em: 9 abr. 2012.

<sup>95</sup> GINZBURG, 1987, p. 84.

<sup>96</sup> CESA, op. cit., p. 34-35.

<sup>97</sup> RATZINGER, Joseph. Comentário Teológico. In: Documentos sobre “A Mensagem de Fátima”, 26 jun. 2000. **Congregação para a Doutrina da Fé**. Disponível em: <[http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_20000626\\_message-fatima\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20000626_message-fatima_po.html)>. Acesso em: 11 set. 2011.

<sup>98</sup> DIVULGAÇÃO do ‘terceiro segredo’ de Fátima provoca críticas ao Vaticano. **Diário do Nordeste Online**, Fortaleza, 16 mai. 2000. Caderno Internacional. Disponível em: <<http://diariodonordeste.globo.com/2000/05/16/>>. Acesso em: 25 mar. 2011.

O jornal *Diário do Nordeste* reporta essa recusa na matéria “Devotos não acreditam que atentado seja o 3º Segredo”, publicada no dia 15 de maio de 2000. Conforme o impresso, parte dos devotos que visitaram a imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima, que veio de Portugal e estava no Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, no bairro do Sumaré, Zona Oeste de São Paulo, não acreditaram que o atentado sofrido pelo Papa fosse o Terceiro Segredo: “a maioria esperava uma revelação apocalíptica”.<sup>99</sup>

A fiel Claudete Machado, moradora da Vila Mariana, Zona Sul de São Paulo, afirmou: “Não acredito que seja esse o segredo. Acho que deve ser uma coisa bem pior, tão grave que a Igreja não pode revelar.” Apesar de não acreditar na interpretação defendida pela Igreja ela afirma que sua fé de tantos anos na santa continuaria inabalada. Segundo Claudete Machado, a Igreja teria divulgado esse segredo para não ter de admitir que o verdadeiro é muito mais grave, “tanto que nós nem imaginamos o que pode ser. E tenho várias colegas que também não acreditaram nessa história, mas é claro que a gente reconhece que foi terrível o que aconteceu com o papa.”<sup>100</sup>

Para o Frei Yves Terral, pároco do Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, em São Paulo, as pessoas teriam o direito de não acreditar no que foi divulgado. Assim, como os fiéis não têm obrigação de crer nas aparições abre-se o pressuposto de não precisarem acreditar na versão da Igreja, sem, é claro, perder a fé nas mesmas.<sup>101</sup>

Segundo a crença popular, esperava-se que o misterioso Terceiro Segredo de Fátima anunciasse o advento do último Papa da Igreja Católica, que pregaria em meio a adversidades no final dos tempos. Essa expectativa teria aumentado com o estado debilitado que se encontrava o Papa João Paulo II e os diversos boatos de que ele renunciaria logo depois das comemorações do Jubileu do ano 2000. Tais especulações lembraram a Profecia dos Papas reputadas a São Malaquias (1094-1148): “*Na última perseguição da Santa Igreja romana, reinará Pedro o Romano que apascentará suas ovelhas no meio de numerosas tribulações. Quando estas terminarem, a cidade das sete colinas (Roma), será destruída e o juiz temível julgará o povo*”. [itálico do autor].<sup>102</sup>

Mesmo com a posse do atual Pontífice Francisco (2013), a espera do último Papa não foi abrandada. Robert Howells, em *O último Papa*, faz a ligação da profecia com o título “Francis-

<sup>99</sup> DEVOTOS NÃO ACREDITAM que atentado seja o 3º Segredo. *Diário do Nordeste Online*, Fortaleza, 15 mai. 2000. Caderno Internacional. Disponível em: <<http://diarionordeste.globo.com/2000/05/15/>> Acesso em: 25 mar. 2011.

<sup>100</sup> Idem.

<sup>101</sup> Idem.

<sup>102</sup> Em 1590, entre a morte do Papa Urbano VII e o conclave para eleger seu sucessor, espalhou-se em Roma o texto latino “Árvore da Vida, ornamento e decoro da Igreja”, do monge beneditino de Monte Castelo, Arnoldo Wion. Nesse texto Wion divulga a Profecia de São Malaquias, que encontrara na Biblioteca da Abadia de São Bento, em Mântua. Segundo o monge, elas teriam sido compostas em 1139. A célebre profecia trata de uma lista com 112 papas desde Celestino II (1143-1144) até o (suposto) último pontífice Pedro, o Romano. Cf. COELHO, Abílio Costa Coelho (redação). *Predições e Profecias*. Rio de Janeiro: Otto Pierre editores, 1983, p. 57-72.

co” escolhido pelo Cardeal argentino Jorge Mario Bergoglio: "Ele adotou esse nome inspirando-se em São Francisco de Assis, cujo nome completo era Francesco di Pietro di Bernardone - sendo Pietro o correspondente italiano de 'Pedro'".<sup>103</sup> Inclusive, especula-se que seu pontificado seja breve, até o próprio papa teria esse pressentimento:

"Tenho a sensação que meu pontificado será breve. Quatro ou cinco anos. Não sei, ou dois, ou três. Pelo menos dois já passaram. É como uma sensação vaga. É como a psicologia de quem joga e acredita que vai perder para não se desiludir [...] Tenho a sensação de que o Senhor me colocou aqui para uma missão breve", confessou.<sup>104</sup>

Os pensamentos do Papa Francisco sobre assuntos como homossexualidade, aborto, drogas, entre muitos outros, tem gerado polêmicas dentro e fora do mundo católico recebendo ameaças de morte até do Estado Islâmico.<sup>105</sup>

FIGURA 4: Os Segredos de Fátima.



Fonte: ONÇA, Fábio. Os Segredos de Fátima. **Mundo Estranho**. ed. 83. São Paulo: Abril, p. 20-21, jan. 2009. Ilustrações de Sattu. Design de Fabrício Miranda. Edição de Fábio Volpe.

<sup>103</sup> PAPA FRANCISCO PRECEDE o juízo final afirma profecia centenária. **Folha.Uol**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/livrariadafolha/2015/08/1663891-papa-francisco-precede-o-juizo-final-afirma-profecia-centenaria.shtml>>. Acesso em: 03 ago. 2015.

<sup>104</sup> O Papa Francisco tece esse comentário em uma entrevista com a correspondente da televisão mexicana Televisa, Valentina Alazraki, por ocasião de seu segundo ano de pontificado. Cf. PAPA FRANCISCO diz que seu reinado será breve e que não se sente só. **g1.globo**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/03/papa-francisco-diz-que-seu-reinado-sera-breve-e-que-nao-se-sente-so.html>>. Acesso em: 13 mar. 2015.

<sup>105</sup> ESTADO ISLÂMICO quer matar papa Francisco, diz embaixador. **Yahoo Notícias**. Disponível em: <<https://br.noticias.yahoo.com/estado-isl%C3%A2mico-quer-matar-papa-francisco--diz-embaixador-201400122.html>>. Acesso em: 17 set. 2014.

Então, a visão do Pontífice assassinado em uma grande cidade destruída, descrita no Terceiro Segredo de Fátima continuaria, assim, reforçando esse temor. A revista *Mundo Estranho*, em janeiro de 2009, em uma longa matéria de capa ilustraria literalmente o ainda atual imaginário.<sup>106</sup>

Portanto, a longa espera da revelação e realização do Terceiro Segredo de Fátima impressa em cópias diplomáticas (1963), boletins (1999) e cartas secretas (2005/2012), que se espalham sub-repticiamente entre uma missa e outra, de mãos em mãos, de boca em boca, denúncia a persistência dessa fé no imaginário e nas práticas cotidianas de seus devotos.

Todavia, para o devoto Carlos, apenas os pecadores enfrentariam essas catástrofes. Os que realmente acreditavam em Deus seriam arrebatados: “eu acredito que quem mereça vai ser arrebatado pra ir pra outro lugar melhor [...] Eu na minha humilde ignorância.”<sup>107</sup> Sua última afirmação demonstrou a sua preocupação em eximir a Igreja Católica e qualquer outra pessoa como a fonte de suas crenças.

Esse cuidado se daria, não só pela crença esotérica nas Profecias Maias, mas, também, pela concepção do arrebatamento. Segundo Juan Alfaro, a doutrina do arrebatamento, assim como a do milenarismo, nunca gozou de aceitação na Igreja Católica. O arrebatamento é uma das principais doutrinas das igrejas evangélicas. De acordo com ela, as pessoas eleitas que viverem nos últimos dias serão, em um piscar de olhos, levadas da terra para o paraíso por Cristo e, assim, evitarão as tribulações que cairão sobre o mundo.<sup>108</sup>

De acordo com Le Goff, a Igreja, temendo o teor revolucionário dos milenarismos condenou-os oficialmente no Terceiro Concílio Ecumênico de Éfeso, no ano 431 d.C.<sup>109</sup> Assim, para a Igreja Católica, os mil anos seriam simbólicos. Eles indicariam um período de duração indeterminada reservado ao reinado da Igreja que iria desde a vinda de Jesus até o fim da história: “o fim deste mundo, onde reina o poder do mal que esmaga e oprime a vida.”<sup>110</sup>

Contudo, Carlos não seria o único católico a acreditar que nos fins dos dias os fiéis seriam arrebatados. Segundo a devota Maria Campina, seu Padrinho Cícero contava:

Primeiro Deus vem arrebatá-la da terra a sua Igreja que são os seus sacerdotes e os seus cristãos, para depois entregar a terra a Satanás para ele governar por três anos e seis meses. Então na terra arrebentará a guerra civil ou consumidora que chegará ao ponto

<sup>106</sup> ONÇA, Fábio. Os Segredos de Fátima. *Mundo Estranho*. ed. 83. São Paulo: Abril, p. 21, jan. 2009.

<sup>107</sup> CARLOS, 2011b.

<sup>108</sup> Os eleitos serão arrebatados no ar por Cristo, sendo instantânea e milagrosamente transformados em seres espirituais revestidos de imortalidade. A doutrina do arrebatamento seria fundamentada nos livros apocalípticos apócrifos (1Henoc 39,3-4; 2Henoc 7) e, sobretudo, nos textos de: Marcos 13,27; Mateus 24,31.40-41; 1Tessalonicenses 4,13; e Apocalipse 20,1-15. Cf. ALFARO, Juan Ignacio. *O Apocalipse em perguntas e respostas*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 107-108.

<sup>109</sup> LE GOFF, 1996, p. 356.

<sup>110</sup> O SONHO DO POVO DE DEUS: as comunidades e os movimentos apocalípticos. São Paulo: Publicações CRB/ Edições Loyola, v. 7, 1996, p. 290-291.

que sete mulheres andarão a busca de um varão porque não tem mais homem. Assim profetizou o Profeta Isaías.<sup>111</sup>

Então, a convicção no arrebatamento seria uma crença popular muito difundida entre os católicos. Entretanto, apesar de Carlos afirmar que ocorreria o arrebatamento, ele havia se prevenido dos três dias de trevas. O devoto tinha guardado em sua casa uma vela benta e, inclusive, teria distribuído outras velas bentas entre seus familiares, para eles se protegerem nos dias da escuridão apocalíptica:

Eu tenho uma vela na minha casa, que ela é benta aqui [na Igreja], no dia de Nossa Senhora de Candeias, que é em fevereiro. Ela é benta aí. Se ela tiver acesa, tudo vai se acabar, se apagar. Se eu acender ela na minha casa ela passa os três dias acesa. [...] Eu já tenho essa vela em casa. Eu já dei uma vela pros meus filhos, pras minhas noras. Já dei. Vocês mantêm essa vela aí. Não precisa ser vela de 7 dias não, só uma vela fininha mesmo. [...] Agora, eu acredito, eu [Carlos] acredito.”<sup>112</sup>

As crenças relacionadas ao fim do mundo também são apontadas, por diversos meios, de forma depreciativa e tidas como superstições. Padre José, por exemplo, as considera, inclusive, como uma prática não católica:

Sim, isso é coisa de quem não é católico, não. Isso é coisa de gente supersticiosa, fim do mundo, milenaristas, que ia chegar o dia, marcando a hora. Supersticiosos que quiseram definir o final da história. Supersticiosos, mas não houve. O mundo está até o dia de hoje. Já erraram mais de 20 vezes o fim do mundo, e erraram os supersticiosos.<sup>113</sup>

Entretanto, conforme Reinhart Koselleck, a história da Cristandade, até o século XVI, seria uma história das expectativas, de uma contínua expectativa do final dos tempos e dos repetidos adiamentos desse mesmo fim do mundo. Sendo que a partir do século XIV teria se produzido na Europa um reforço e uma difusão mais ampla do temor dos derradeiros tempos. Assim, a expectativa do fim do mundo tornara-se parte integrante da própria Igreja, de tal modo que esta pôde se estabilizar tanto sob a ameaça de um fim do mundo que poderia acontecer a qualquer momento, como na esperança da Parúsia.<sup>114</sup> Delumeau ressalta, ainda, que o temor do fim do mundo foi durante muito tempo mais difundido que a esperança de mil anos de felicidade.<sup>115</sup>

<sup>111</sup> CAMPINA, Maria da Conceição Lopes. **Voz do Padre Cícero e outras memórias**. São Paulo: Paulinas, p. 87-88. Tópico 75.

<sup>112</sup> CARLOS, 2011b.

<sup>113</sup> Padre José nasceu em Fortaleza, em 1942. Foi ordenado padre em 1972. Em 1999, atuava na periferia da cidade. Atualmente é Padre Diocesano em uma Igreja na área nobre de Fortaleza. Cf. JOSÉ: depoimento [30 nov. 2011]. Entrevistadora: Kalliany Moreira Menezes. Fortaleza, 2011. MP3 (10 min). Entrevista concedida a Dissertação “Até mil e tantos, a dois mil não chegarás!”: o ano 2000 no imaginário escatológico católico, em Fortaleza (1998-2001) do Mestrado Acadêmico em História (MAHIS), Universidade Estadual do Ceará (UECE).

<sup>114</sup> KOSELLECK, 2006, p. 24-26.

<sup>115</sup> DELUMEAU, Jean. **Mil anos de felicidade**: uma história do paraíso. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 151.

O catecismo da igreja católica, ainda, prega que o tempo atual seria um “tempo de expectativa e vigília” (Mt 25, 1. 13; Mc 13, 33-37), pois o Reino de Cristo, apesar de estar presente em sua Igreja, manifestando-se pelos sinais milagrosos (Mc 16, 17-18), só seria consumado com o Seu advento na terra.<sup>116</sup> O retorno de Cristo poderia ocorrer a qualquer momento (Mt 24, 44; 1 Ts 5, 2), embora advirta-se que não nos “caiba conhecer os tempos e os momentos que o Pai fiou com sua própria autoridade” (At 1, 7).<sup>117</sup> Então, a Igreja prega que apesar de ninguém saber o término desse tempo, ele dependeria de Deus e da fidelidade das comunidades, que poderiam apressá-lo ou atrasá-lo. Por este motivo os cristãos orariam, sobretudo na Eucaristia, para apressar a volta de Cristo, dizendo-lhe: “Vem, Senhor” (Ap 22, 20).<sup>118</sup>

Portanto, entendemos que as consideradas “perniciosas” superstições acerca do ano 2000 estariam tão arraigadas ao imaginário dos fiéis que já fariam parte da tradição escatológica católica. Estas crenças e imaginários, por sua vez, se construiriam e se manifestariam com intensidades e formas variadas. Não haveria uma regra para definir as devoções de modo completo ou definitivo, pois a vida de cada fiel sempre guardaria alguma peculiaridade e um determinado ritmo de mudanças e permanências. Não haveria um grupo homogêneo.<sup>119</sup>

Portanto, é importante levar em consideração a chave de leitura (entendimento) que os fiéis de maneira inconsciente interpunham entre eles e a doutrina, o filtro que age sobre suas memórias modificando e remodelando as suas leituras, enfatizando certas passagens enquanto oculta outras, exagerando o significado de uma palavra ou simplesmente tirando-as do contexto.<sup>120</sup> Esse filtro também podemos designar de imaginário.

Assim, os fiéis, como Carlos, seriam os grandes propagadores e mantenedores das crenças escatológicas católicas. Eles, como formiguinhas, constroem um emaranhado de túneis interligados, que se expandem silenciosamente nos subterrâneos do imaginário.

<sup>116</sup> CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Edições Loyola, 2000. Edição Típica Vaticana, p. 193.

<sup>117</sup> O SONHO DO POVO DE DEUS, 1996, p. 290-291.

<sup>118</sup> A Eucaristia é um dos sete sacramentos da Igreja (Batismo, Confirmação, Eucaristia, Penitência, Unção dos Enfermos, Ordem e Matrimônio). Além de ser o memorial da Páscoa de Cristo “é também a antecipação da glória celeste”. Na última ceia, o Salvador instituiu o Sacrifício de seu Corpo e Sangue e prometeu que “desde agora não bebereis deste fruto da videira até aquele dia em que convosco beberei o vinho novo no Reino de meu Pai” (Mt 26, 29). Cf. CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, op. cit., p. 193-388.

<sup>119</sup> RAMOS, 1998, p. 30.

<sup>120</sup> GINZBURG, 1987, p. 80

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após vislumbrarmos os pequenos fragmentos da crosta superficial que recobre o fecundo e abismal mundo do imaginário escatológico católico nos resta, por hora, evidenciar a importância de se pesquisar dito fenômeno social para melhor entendermos não somente a ação do homem defronte a determinados acontecimentos, mas o que ele ainda espera e almeja, e assim, como se prepara e age diante do desconhecido.

Nessa pesquisa podemos perceber o quão fértil e complexo é o imaginário escatológico católico que ao beber de inúmeras passagens bíblicas, revelações marianas e dos diversos vaticínios de santos, padres e videntes, continua a ser evocado e atualizado a cada eclipse solar, marco temporal ou fenômeno tido como sobrenatural, somando-se a outras variadas previsões pseudocientíficas, esotéricas, espíritas, enfim, tudo ao gosto do momento.

Assim, nos deparamos com um catolicismo caleidoscópico e astucioso, no qual os seus devotos dilatam as doutrinas, de acordo com suas necessidades e visão de mundo. Uma fé “supersticiosa” prova da sobrevivência de crenças tidas como desaparecidas, mas que se escondem sub-repticiamente nos costumes. Uma legítima defesa contra as *forças* adversas, uma lógica necessária e clara,<sup>121</sup> como a de Dona Maria, que apesar de declarar que não acreditava que o mundo iria se acabar, achou por bem ir a igreja orar “por via das dúvidas, vim aqui dar uma rezadinha também”.<sup>122</sup> Então, a partir de ditas atitudes nos interrogamos o quanto podemos encontrar de superstições no ar que respiramos: “vamos dizer como o espanhol que não acreditava nas bruxas, *pero que las hay, las hay...*”<sup>123</sup>

Todavia, segundo Carlos, haveria um meio eficiente de mudar esses vaticínios: “se houvesse muita reza, não aconteceria nada.”<sup>124</sup> O poder da oração aparece no imaginário dos católicos como um instrumento capaz de adiar ou amenizar o futuro tenebroso, assim como, também, serviria tanto para justificar o não cumprimento das profecias, como para reforçar a fé nas mesmas.

Conforme Reinhart Koselleck, se os vaticínios de um profeta não são cumpridos, isso não significa que ele tenha se enganado. Por seu caráter variável, as profecias podem ser reiteradas e prolongadas a qualquer momento: “mais ainda: a cada previsão falhada, aumenta a certeza de sua realização vindoura.”<sup>125</sup> Assim, os fiéis, diante de uma profecia fracassada, se aferrariam ainda

<sup>121</sup> CASCUDO, 1971, p. 155.

<sup>122</sup> DEVOTOS DE PADRE Cícero pedem proteção. **Diário do Nordeste Online**, Fortaleza, 11 ago. 1999. Caderno Regional. Disponível em: <<http://diariodonordeste.globo.com/1999/08/11/>>. Acesso em: 25 fev. 2006.

<sup>123</sup> CASCUDO, op. cit., p. 195.

<sup>124</sup> CARLOS, 2011a.

<sup>125</sup> KOSELLECK, 2006, p. 32.

mais a ela, pois buscariam encontrar um meio de acreditar que a profecia, afinal, estava correta.<sup>126</sup>

Por esses motivos, o imaginário escatológico católico continua vivo e latente, criando, e ao mesmo tempo, fortalecendo um “horizonte de expectativa”.<sup>127</sup>

---

<sup>126</sup> PETRY, André. O fim do mundo em 2012. *Veja*. São Paulo: Abril, ed. 2137, p. 90, 4 nov. 2009.

<sup>127</sup> KOSELLECK, op. cit.